

cambios, o seo primeiro symbolo offerecia a imagem dos animaes. Mas era ainda conveniente conhecer-se o logar, em que se havião cunhado, o seo valor, o Principe, ou o Estado, que os mandara fabricar, e eis aqui o motivo das Lendas. Assim diversificava o cunho, segundo o uzo, e estado das Nações.

Alem, disto, a Sociedade não pode subsistir sem premios, e sem castigos: elles são os antidotos das dezordens publicas e que prezervão as leys das infracções. O Rey Sabio, e Justo, o Heróe, que sacrificava a vida aos interesses da patria, recebendo em si o golpe, que fatal se encaminhava a garganta do Estado; o habil Artista, que em beneficio da humanidade, contrafazia a marcha da natureza, ou dava hum novo realce ás suas producções era bem que vissem o seo nome immortalizado não só em as Estatuas, que, fixas em hum logar, não podião communicar a todo o mundo a idéa do seo prototypo, mas particularmente nas Medalhas, que fossem em toda a parte hum testemunho publico, hum tributo, que a patria agradecida rendia ás suas virtudes, e aos seos talentos.

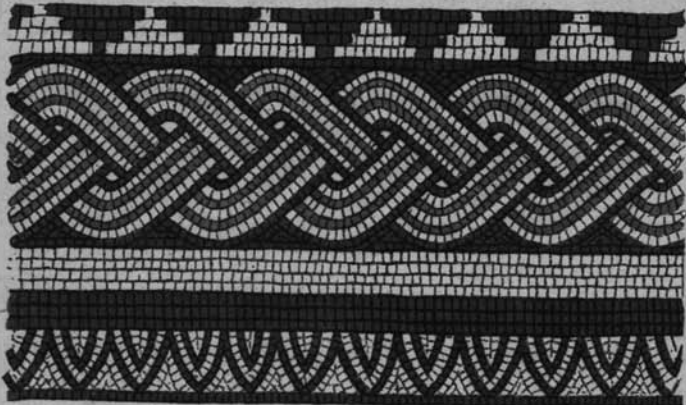
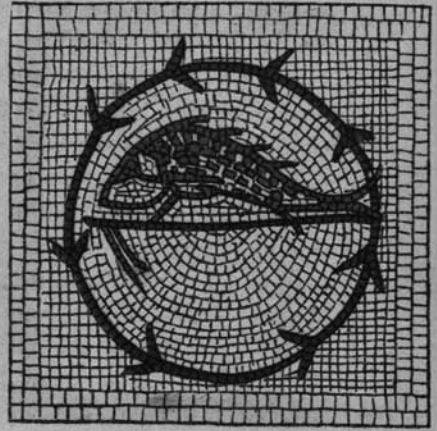
Hé assim que eu tenho discorrido como Philosopho, e como Historiador, sobre os factos Numismaticos, que a Historia dos antigos Imperios nos offerece. Eu podera confirmar este meo discurso com as melhores provas, á permittir-mo a occazião. Mas o que tenho dito hé bastante para fazer conhecer os meos sentimentos sobre a origem, e progressos desta Arte, que com a Lapidar, e Diplomatica, fazem o corpo da grande Arte Critica: esta Arte, que, espalhando as suas luzes sobre toda a Litteratura, faz retroceder as medonhas trevas da ignorancia, desmascara o erro, esclarece o espirito do homem na carreira dos seos conhecimentos, depura as suas idéas, e o constitue hum verdadeiro cidadão da República das Lettras¹.

Analecta archaeologica

1. Antiguidades de Quintos

As antiguidades romanas de Quintos (estação do caminho de ferro immediatamente anterior á de Serpa) se alludiu já n-*O Arch. Port.*, I, 340, e v, 231.

¹ [Com as palavras *A Arte Numismatica contava já muitos seculos*. . . . principia a parte já impressa do trabalho do futuro Abbade de Lustosa—P. A. D'A.].



No Museu de Beja, onde estive em Maio de 1903, existem varios objectos provenientes d'ahi.

Notarei em primeiro logar uma interessante fibula de bronze, completa (fig. 1.^a, em tamanho natural), que pertence ao typo classico que os Franceses chamam *La-Tène I*, e os Allemães *Früh-La-Tène*. A extremidade, que se dobra e encosta ao descanso do alfinete, é constituida por um collo e cabeça de cysne, com seu bico;



Fig. 1.^a — Fibula de Quintos

são numerosas as fibulas que lá fóra se conhecem terminadas em cabeça de ave: vid. exs. na *Revue Archéologique*, 1902, Set.-Out., p. 189, e nos *Prähistorische Blätter*, XIV, est. VII. O aro é ornamentado superiormente (cf. Tischler, in *Beiträge zur Anthrop. u. Urgesch. Bayers*, IV [1881], est. v), e mais largo no meio que nos extremos. De cada lado da cabeça da fibula ha duas series de espiras.

Temos em segundo logar uma lapide funeraria romana com inscripção, de que porém só é bem visivel a fórmula inicial: D M; do resto pouco se percebe. A lapide está quebrada.

Por ultimo citarei varios fragmentos de mosaicos polychromaticos, —*opus vermiculatum*—: vid. a estampa junta.

2. Inscripções romanas do Museu de Beja

a) No Museu de Beja ha o fragmento de uma lapide de 0^m,64 × 0^m,31 em que se lê (fig. 2.^a):



Fig. 2.^a — Lapide de Quintos

tendo as letras de altura 0^m,15. As duas linhas dizem: [Au]gustus... [trib. p]otest. XX....

b) No mesmo Museu ha uma lapide cupiforme (tampa de sepultura) com a seguinte inscripção:

PRLI....V
 SVIC....A
 3 N..SLXXV
 FRATER
 PO.....IΥ

Lin. 1-2: *Pre[post]us? Vic[tor]?*

Lin. 2-3: *annis* vel *annos*

Lin. 5: *po[su]it.*

c) No mesmo Museu ha outra lapide cupiforme (de marmore), proveniente das muralhas da cidade. Esta lapide contém uma inscripção, e a figura de um machado. As letras estão muito gastas; só percebi o seguinte:

D M S
 M A R M O
 R A R I V S A
 N N O R V M
 5 LXX..IIDI..SX
 ...M....MO..
O..A...V..
VXSOR
V CIS



Fig. 3.^a — *Ascia*
 numa sepultura
 de Beja

As tres primeiras linhas dizem: *D. M. S. Marmorarius, annorum...*; na 5.^a linha talvez deva ler-se *LXXXV*, e *dies X*; na 8.^a temos *uxor* = *uxor*.

Apesar de incompleta, e de conter duvidas, entendi dever publicar esta inscripção, pois me parece curiosa.

Em primeiro lugar, temos nas linhas 2-3 a palavra *MARMORARIUS*. No *Corp. Inscr. Lat.*, II, cita-se *marmorarius* na accepção de «canteiro» duas vezes: *ser(uus) marmorarius*, numa inscripção do santuario de Endovellico (n.º 133), e que se refere talvez a um dos differentes artistas que fizeram as aras d'este santuario; *P. Rutilius Syntrophus marmorarius*, numa inscripção de Gades (n.º 1724). No n.º 1043, de Almaden de la Plata, citam-se uns *compagani Marmorarienses*, isto é, cidadãos de um *pagus* chamado *Marmorarius*. Na nossa inscripção *Marmorarius* poderia considerar-se como nome proprio.

Em segundo lugar, a inscripção chama a nossa attenção pela figura de machada, ou *ascia* (fig. 3.^a), que ao lado d'ella está esculpida. Em

muitas inscrições funerarias romanas de fóra da Península apparece não só figurada uma machada, mas uma fórmula: *sub ascia*, que ainda não foi satisfatoriamente explicada; vid. sobre isto, por ex.: *Revue Archéol.*, IV, 46 e 542, e cfr. *Rev. des ét. anc.*, V, 299. No museu de Bordeus ha uma collecção importante de monumentos d'esta especie, uns só com uma machada, outros com ella e com uma inscrição: *sub ascia. .dedit*; ahi os vi em 1897. Em Portugal conheço uma unica inscrição com a fórmula: é a que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5144, de Faro, e nella se diz que *L. Attius Nisus. .hoc misolio SUB ASCIA est*; a palavra *misolio* (ablativo) é fórma rara por *mausoleo*. Noutros pontos da Península ha mais exemplos da figura da machada¹, mas sem a fórmula.

d) Notas a algumas inscrições:

Na inscrição de *Vettonianus*, de Beja, publicada n-*O Arch. Port.*, VII, 244, os pontos de separação eram originariamente triangulares: uns estão ainda nesse estado, outros estão já meios gastos pelo tempo.

Na inscrição de Cleopatra, publicada *ib.*, VII, 245, os pontos que estão figurados como redondos são triangulares, como os restantes.

3. Cabeça romana de Beja

Tendo ido a Beja em Maio de 1903, examinei no Museu a cabeça de marmore, de que se publicou uma photogravura n-*O Arch. Port.*, VII, entre pp. 242 e 243; ella era sem dúvida retrato, pois apresenta ao lado direito do osso frontal uma cicatriz feita com instrumento cortante (provavelmente espada); a cicatriz está polida e coberta de patina, como o resto do monumento. A photogravura representa parte da cicatriz. — A orelha esquerda está quasi toda esmoucada (só lhe resta a helice). A orelha direita está esmurrada em cima. A parte anterior do cranio glabra; só a parte posterior (occiput e parte dos parietaes) tem cabello, que rodeia as orelhas. Labio inferior esmurrado.

4. Arco romano de Beja

No quintal da casa de habitação do Sr. José Joaquim do Rego, perto do castello da cidade e das antigas *portas de Evora*, hoje destruidas, existe um arco ou porta romana de que ainda não vi noticia escrita, e de que aqui offereço aos leitores uma estampa. Esta porta visitei-a em Maio de 1903, em companhia do Sr. Márques Bentes, e do Sr. Guilherme Clodomiro Gameiro, que a desenhou do natural (fig. 4.^a).

¹ Por ex.: no *Boletín de la Real Academia de la Historia*, XXXVII, 351.

O arco propriamente dito consta de dezasete *aduelas*, sendo oito de cada lado do *fecho*; a pedra que serve de fecho contém uma saliência central, que não sei o que representa. *Abertura* do arco, ou diâmetro: 3^m,87. A disposição das pedras dos *encontros* ou *pés direitos* é no systema que os Romanos chamavam *isódomum* (fiadas da mesma altura). Largura dos encontros: 0^m,75; a altura actual é indicada pela figura de homem que se vê ao pé de um d'elles. Toda a porta é feita de granito (vulgò



Fig. 4.^a — Arco romano de Beja

«olho de sapo»). — Hoje faz parte da muralha portuguesa que ahi passa, mas distingue-se d'ella muito bem, quer pelo typo da construcção, quer pela natureza do material.

No *Boletim* da Associação dos Archeologos do Carmo, VIII, 26-27, publicou o Sr. Gabriel Pereira tres gravuras de arcos romanos de Beja, feitas segundo desenhos existentes entre os papeis do Arcebispo Ce-

naculo na Biblioteca de Evora ¹. Estes arcos tem nos desenhos os nomes de: *porta de Avis, porta de Mertola e porta de Evora.*

O arco da *porta de Avis* ainda o vi de pé ha annos; mas, por 1890 e tantos, foi demolido, com permissão, ao que parece, das respectivas auctoridades: não ha palavras com que qualificar este acto de verdadeira selvajaria! Muitas pessoas suppõem insensatamente que a civilização de uma cidade ou de qualquer terra deve manifestar-se apenas na ostentação de um *club*, de um theatro, de uma praça de touros (!), de um jardim bem arruado, — e nessa persuasão desprezam tudo o que *cheira a velharia*, como se o presente não viesse do passado, e como se não fosse pela constante lição d'este que se aperfeiçoa aquelle! O facto da destruição do arco romano é tanto mais estranhavel, quanto é certo que em Beja ha quem tenha comprehendido a importancia da archeologia, como o prova o bom museu que ahi existe. — Para cumulo de tristeza accrescentarei que as pedras que constituíam o arco romano foram transportadas para a *pescadaria* ou mercado do peixe, onde servem de mesas de venda ás peixeiras! Ahi contei eu em Maio d'este anno 24 pedras. Talvez não fosse impossivel reconstruir o pobre arco no local primitivo, pois que restam ainda tantas pedras, e o desenho do monumento total. E que bello documento de dedicação civica e de illustração não seria esse!

O arco da *porta de Mertola* tambem não ha muito tempo que foi destruido. O Sr. Gabriel Pereira diz, no citado *Boletim*, que ainda o viu no seu logar. — Segundo o que ouvi contar, as pedras formam hoje um cano de esgoto para as aguas pluviaes, cano que se estende desde o antigo sitio do arco até o Largo de S. Francisco. — Ao passo que outros paises civilizados cuidam carinhosamente das ruinas do passado, fazendo o possivel por as conservarem, e as legarem conservadas aos vindouros, vemo-nos forçados a registar em Portugal factos tão vergonhosos como o que fica apontado. — Valeria a pena procurar saber os nomes de quem consentiu ou influiu na destruição d'esta porta e da precedente, para, como exemplo, os expor á censura e ao vilipendio!

Do arco da *porta de Evora* nada posso dizer. É notavel que perto do arco que já não existe, mas de que ficou o desenho na carteira de Cenaculo, se levantasse outro arco, qual é o de que hoje se publica um desenho n-*O Archeologo*. Não parece haver confusão, pois aquelle desenho differe do meu.

¹ Reproduzidas pelo Sr. Christovam Aires na *Historia do Exercito Português*, II (1898), 227; cf. vol. I, p. 447.

Já n-O *Archeologo* appareceram gravuras de outros arcos romanos de Portugal: vid. vol. v, 113 (arco de Evora); vol. vii, 56-57 (arco de Bobadella).

5. Cossoiros

Dou na fig. 5.^a, em tamanho natural, a gravura de um antigo cossoiro¹ de barro (visto pela base e de perfil) existente no Museu de Beja, e cuja procedencia infelizmente se ignora.

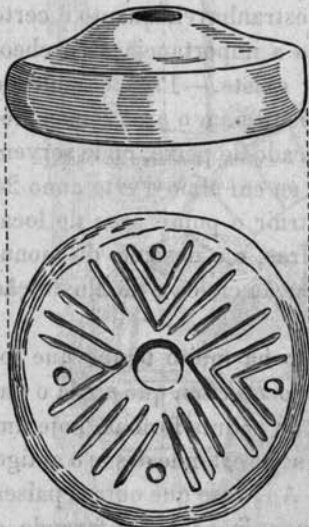


Fig. 5.^a — Cossoiro de barro do Museu de Beja

não só nas estações romanas, mas também nas preromanas; nestas porém só os tenho encontrado em castros (nunca os encontrei, que me lembre, em dolmens).

6. Sepultura romana do Museu de Beja

Na fig. 8.^a representa-se uma sepultura romana que está no Museu de Beja. É feita de quatro (ou cinco?) pedras. As duas lateraes estão

O desenho da base é muito semelhante a um dos cossoiros encontrados por Schliemann nas suas celebres escavações de Troia; dou aqui também (fig. 6.^a), a titulo de comparação, uma gravura d'elle, segundo o *Atlas des antiquités troyennes* do mesmo archeologo, Leipzig-Paris 1874, tab. I, n.º 31.

Nem todos os leitores saberão que hoje se usam em Portugal, no Alemtejo e Algarve, cossoiros de madeira ornamentados, que fazem lembrar os antigos. Eis na fig. 7.^a (A, B, C) a gravura ($\frac{1}{2}$) de um que existe no Museu de Beja, e que ahi foi desenhado ha annos pelo Sr. Luis Couceiro.

Cossoiros ou *verticilli* de barro antigos encontram-se com frequencia entre nós,

¹ *Cossoiro* é o termo portuguez correspondente á *fusaiöle* dos archeologos franceses (termo de origem italiana) e ao *verticillus* dos Romanos. Dizer *fusaiöla* em portuguez parece-me grande barbarismo.— A palavra *cossoiro*, do lat. *cursorius*, usa-se no Alemtejo e creio que também no Algarve.

ligadas superiormente por travéssas de ferro. Já explorei no Alemtejo algumas sepulturas em que se observava o mesmo facto; e no Museu



Fig. 6.ª — Cossoiro de Trola
(Schliemann)



Fig. 7.ª-A — Cossoiro moderno de madeira
(com a haste de ferro)



Fig. 7.ª-B — Cossoiro moderno de madeira
(parte superior)

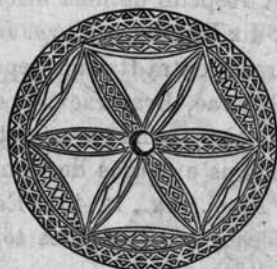


Fig. 7.ª-C — Cossoiro moderno de madeira
(base)

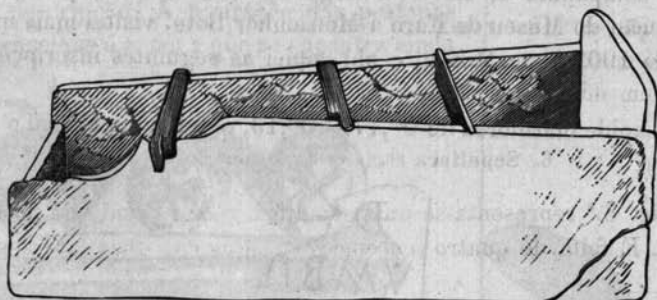


Fig. 8.ª — Sepultura romana do Museu de Beja

Ethnologico existe outra analoga, explorada pelo official do mesmo, o Sr. Dr. Felix Alves Pereira, que encontrou mais (Vianna do Alemtejo).

7. Inscrição romana do Museu de Coimbra

Em Fevereiro de 1903 estive em Coimbra, e copiei no Museu do Instituto a seguinte inscrição, que não vejo archivada no vol. II do *Corp. Inscr. Lat.*, nem nos quatro supplementos publicados ulteriormente na *Ephemeris epigraphica*:

L A R I B V S
P A T R I S
S E V E R V S
T A N G I N I
V S · L M E

I. é.: *Laribus patriis Severus Tangini u(otum) s(oluit) l(ibens) me(rito)*.

Na linha 2.^a o segundo *i* de *patriis* está sobreposto ao primeiro.

O nome indígena *Tanginus* encontra-se noutras inscrições da Beira, por ex., em Condeixa-a-Velha (*Conimbriga*), d'onde provavelmente é esta. A respeito de uma inscrição de Viseu, consagrada também aos Lares, diz Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 404: «Larum cultus, quamquam rarus extra Italiam, reperitur tamen in his regionibus, veluti Norbae, Caperae, Bracarum». A expressão *Laribus patriis*, «aos Lares da patria», corresponde a est'outra *Diis deabusq(ue) Coniumbrig(ensibus)*, «aos deuses e deusas de Coniumbriga = Conimbriga», que se lê no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 432. Estes *Lares* e *Di Deaque* eram como que *genii* locais ou divindades topicas, isto é, protectoras dos logares em que as adoravam.

8. Antighalhas do Museu de Faro

Em companhia do Rev.^{do} Conego Cardoso Botelho, que substituiu na direcção do Museu de Faro a Monsenhor Boto, visitei mais uma vez (Maio de 1903) este Museu, e ahi copiei as seguintes inscrições:

a) Lápide marmorea de 0^m,17 × 0^m,13, que tem no Museu o n.º 179 (fig. 9.^a):



Fig. 9.^a—Lápide do Museu de Faro

Na lin. 2 temos certamente *Umbilius* ou *Umbilii*, nome que não vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, mas que vem, por exemplo, na *Prosographia imperii Romani*, III, 467. — Na lin. 3 temos *Dionisius* ou *Dionisii*, cognome mui frequente. — Altura das letras: 0^m,028.

b) Lápide marmorea, abaulada, pequena (tem o n.º 180):

C A S T O R
V I X S I T
A N N O S
V I I I D I E S X V

Na lin. 2 o I é menor que as outras letras; *vixsit* = *vixit*. — Área do campo da inscripção: 0^m,19 × 0^m,13.

c) N.º 127: lápide muito gasta, em que só pude ler:

D M S
S A L . .
.....
A N N . .

Na lin. 2 lê-se *Sal..* (não *Val..* como ao repente póde parecer).

d) No mesmo Museu encontram-se varias aras, entre as quaes a parte superior de uma que represento aqui (fig. 10.^a), e onde, tanto o frontão como as volutas, ou *cornua*, estão ornamentados com florões.

e) Existe no Museu de Faro um interessante objecto de pedra que represento na fig. 11.^a, e que foi encontrado em Moncarapacho (Algarve). A exactidão da gravura dispensa descripção. A figuração das pestanas e sobrancelhas é como a que se encontra ainda

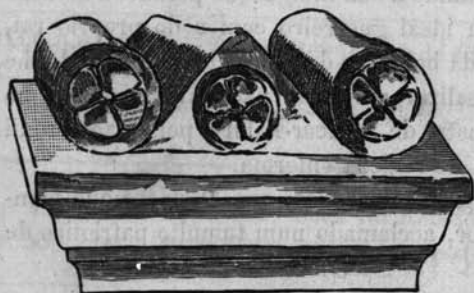


Fig. 10.^a — Ara do Museu de Faro (reduzida)



Fig. 11.^a — Figura de pedra de Moncarapacho (1/1)

hoje em certas pinturas populares, onde a ingenuidade do pintor supprime a verdadeira arte.—Não sei a data exacta d'este pequeno monumento archeologico, mas talvez pertença aos tempos prehistoricos; no Museu de Faro ha tres machados neolithicos, provenientes tambem de Moncarapacho, mas não se sabe se do mesmo sitio exactamente que o referido objecto. A pertencer, como parece, aos tempos prehistoricos, elle é comparavel ás placas de ardosia zoomorphicas que representei na *Religiões da Lusitania*, I, 164-165. O Museu Ethnologico Português possui um objecto analogo a este, e da mesma proveniencia.

f) Numa taça de barro aretino, existente tambem no Museu de Faro, lê-se, no fundo, internamente, a seguinte marca figulina:

OF · MRRAN

que deve interpretar-se por *off(icina) M(u)rran(i)*, pois a taça pertence evidentemente á mesma fabrica a que pertencem certos vasos romanos de Tarragona, Madrid, Cadis, Archena, etc., em que se lêem inscrições analogas: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4970-335. As relações commerciaes que havia entre os diferentes pontos da Peninsula explicam esta commuidade de productos industriaes¹.

J. L. DE V.

A moeda de ouro de 500 reaes de D. Antonio cunhada em Lisboa

D. Antonio, prior secular da villa do Crato, foi aclamado rei em Santarem a 19 de Junho de 1580. O facto originou um *casus belli*.

Quando as hostes de D. Filipe II de Castella transpunham as fronteiras de Portugal pelo Baixo Alemtejo, D. Antonio entrava em Lisboa, a 22 do mesmo mês.

O povo da capital, manifestando a sua indignação perante a invasão hespanhola, identificava o seu ideal guerreiro com o do proprio rei, e aprestava-se para deter a onda bellicosa do pretendente, oppondo-lhe rijas armaduras. Mas para realizar o intento não havia recursos no real erario, exaustado pelo desastre de Alcaccer-Kibir e pela inação senil de D. Henrique em 17 meses de realza enferma.

O novo rei, privado das proprias rendas, que D. Henrique mandara confiscar no anno anterior, aclamado num tumulto patriotico de

¹ Todas as gravuras d'este artigo, menos as que tem o n.º 7 (A, B e C) foram feitas segundo desenhos do Sr. Guilherme Gameiro.